

CEDI - P. I. B.
DATA: 31.12.86
COD. JID 00048

EST A T E R R A

T E M D O N O

(1º volume: Das origens ^{da América} ao
fim das Reduções)

pretendem 2 volumes
público; 5 = 26ª série
para-didático

- x Cap. 1 - Nossa História ainda não foi contada
- x cap. 2 - As civilizações pré-colombianas
- Cap. 3 - Os habitantes do país
- x Cap. 4 - Sua vida e costumes
- x Cap. 5 - A conquista portuguesa
- Cap. 6 - O comércio do pau-brasil
- cap. 7 - O projeto colonial
- Cap. 8 - Os jesuítas e seu projeto religioso
- Cap. 9 - A resistência indígena - a Confederação dos Tambois
- Cap. 10 - O império do açúcar e a pirataria
- Cap. 11 - Pe. Vieira - o missionário e diplomata
- Cap. 12 - As reduções guarani do sul
- Cap. 13 - Bandeirantes - os caçadores de índios

DECLARAÇÃO SOLENE DOS POVOS INDÍGENAS DO MUNDO

Nós, povos indígenas do mundo, unidos numa grande Assembleia de homens sábios, declaramos a todas as nações:

quando a terra-mãe era nosso alimento,
quando a noite escura formava nosso teto,
quando o céu e a lua eram nossos pais,
quando todos éramos irmãos e irmãs,
quando nossos caciques e anciãos eram grandes líderes,
quando a justiça dirigia a lei e sua execução,

aí outras civilizações chegaram!

Com fome de sangue, de ouro, de terra e de todas nossas riquezas, trazendo numa mão a cruz e na outra a espada, sem conhecer ou querer aprender os costumes de nossos povos, nos classificaram abaixo dos animais, roubaram nossas terras e nos levaram para longe delas, transformando-nos em escravos estes "filhos do sol".

Entretanto não puderam nos eliminar!
nem fazer esquecer o que somos,
porque somos a cultura da terra e do céu,
somos de uma ascendência milenar e somos milhões,
e mesmo que nosso universo inteiro seja destruído,
NÓS VIVEREMOS
por mais tempo que o império da morte!

Port Alberni, 1975
Conselho Mundial dos Povos
Indígenas

A NOSSA HISTÓRIA AINDA NÃO FOI ESCRITA

1- A nossa História

Nossa História é uma história de muita luta para defender nossa terra, onde muito sangue foi derramado, onde muita lágrima correu, onde muito sofrimento existiu.

Desta história pouca coisa ficou, porque a História que existe no Brasil é a História contada pelos "invasores", pelos donos do poder de agora. A nossa História ainda não foi escrita, porque a maioria dos verdadeiros donos do país desapareceu, morta à bala ou pelas doenças trazidas pelos brancos.

Outros povos se juntaram a eles, povos que vieram aqui para construir este país, mas que tiveram também sua história abafada, destruída: os povos africanos. As lutas, os heróis e as tradições de todos eles queremos colocar nestes capítulos, para que ~~xxxxxxx~~ os jovens de agora comecem a conhecer seus verdadeiros heróis e esta grande história que teve muita grandeza e muito ensinamento.

2- Por que estudar nossa História?

Por aí já estamos vendo que é muito importante conhecer nossa verdadeira História. Muitas coisas erradas existem nos livros em que a gente estuda nas Escolas oficiais. Principalmente em relação aos índios e negros. Estes sempre foram considerados apenas como mão-de-obra para os "novos donos" do país. Os que aceitavam o trabalho eram os "mansos", os bons, os de "alma branca". Os que recusavam a escravidão eram "selvagens", preguiçosos, os "índios bravos" que tinham ^{de} ~~que~~ ser mortos.

Disto, o que sobrou? Idéias erradas sobre os povos indígenas, um grande preconceito de raça contra aqueles que não são brancos e um grande desprezo contra todos os que não têm ^e ~~ou~~ dinheiro ^e ~~ou~~ poder. Para enganar mais ainda, foram construídas estátuas para os índios que ~~xxx~~ ~~xxx~~ aceitaram este jogo, mas que na realidade foram traidores de seu povo, como Araribóia ou Tibiriçá. Mas os verdadeiros heróis ~~xxxxxxx~~ ~~xx~~ nacionais pouco se sabe e pouco se ~~ga~~ ^u ~~rdou~~, porque tiveram a coragem de dizer ~~x~~ "não"! Onde estão os monumentos a Cunhambebe, Aiberê ou Kaoki ~~ra~~, heróis da Confederação dos Tamoios? Alguns conseguiram ter seus nomes conservados, como Ajuricaba e Sepé Tiaraju. E os ^{milhares} ~~de~~ ~~ou~~

três que escreveram sua história com lágrima e sangue?

Por isto precisamos estudar nossa verdadeira História para:

- conhecer nossos antepassados
- imitar seus valores e seu heroísmo
- não repetir seus erros
- compreender melhor porque vivemos hoje nesta situação difícil
- ter força para continuarmos lutando

" Cada um de nós tem uma história muito grande de sofrimento
para contar."

OMIZOKAY - Parevi

3- A NOSSA ORIGEM

Ao contrário dos "civilizados" de hoje, nossa história não começa nos museus ou nos arquivos antigos, mas no mundo misterioso de nossos mitos, que nossos antepassados conservaram. ~~Esses~~ ^{Assim} ~~guardam~~ a história ~~que~~ os povos que não tinham escrita. É uma maneira diferente e por isso não devemos procurar dados científicos nestas histórias que mostram mais como eles viam o mundo e seus mistérios e como eles procuravam entender tudo que acontecia.

Muitos povos antigos ~~guardaram~~ tiveram seus mitos que depois foram escritos e chegaram até nós. Os gregos, os romanos, os egípcios e até os judeus tiveram mitos. Os mais conhecidos são os que encontramos na Bíblia, como o mito da criação do mundo, a criação do homem, a origem do sofrimento humano, a diferença das línguas e o dilúvio universal.

No Brasil, cada nação indígena tem seus mitos. Infelizmente muita coisa se perdeu, porque não foi escrita e os antigos que ainda conhecem estas histórias estão morrendo. Mas muitos povos estão tentando guardar o que ainda sobrou de sua tradição.

4- O mito da origem dos homens

Nossos irmãos da nação Kayapó tem um mito que conta como surgiram os homens na terra. É o mito "O buraco no céu".

"Nos tempos antigos, os índios conheceram um só mundo. Porém certo dia, um dos homens foi para uma caçada, quando descobriu mais outro mundo. Lá em cima, sobre o teto do céu, também há um mundo.

Ali um homem caçou durante o dia todo a fim de levar comida para casa.

Dentro de um buraco na terra, descobriu um tatu-gigante. Queria matá-lo. A fim de pegá-lo, começou a cavar o buraco. Cavou dia após dia e penetrou sempre mais fundo na terra. Por fim, ao cavar, furou a crosta da terra do teto do céu. O tatu caiu em direção à Terra e o homem caiu atrás dele. Porém quando estava caindo, um vento forte pegou o homem e o levou de volta para o mundo acima do teto do céu.

Quando então sua caçada ficou sem resultado e teve esse final, ele voltou para sua gente e contou aos homens da aldeia o que acontecera. Na manhã seguinte todos correram para ver o buraco no céu; de fato o buraco era enorme.

Da borda do buraco, os homens espiaram para o novo mundo, sem saber o que fazer. Aí um dos homens falou:

- "Olhem como é lindo o mundo novo! Vamos descer!"

Os outros concordaram, entusiasmados, mas não sabiam como fazer para descer.

- "Como podemos descer? " perguntaram uns aos outros.

Então, um dos homens aconselhou:

- "Vamos amarrar uma corda e por ela descer."

E assim fizeram. As crianças, os rapazes e as moças solteiras juntaram todas as fitas e cordas que encontraram, para amarrá-las em uma só corda comprida. Por essa corda os índios desceram até a Terra.

No entanto alguns não conseguiram descer, pois uma criança estranha, de repente veio correndo e cortou a corda obrigando os que ainda não haviam descido a permanecerem lá em cima. E os poucos que ficaram, transformaram-se em estrelas."¹ /

5- A origem do homem segundo a ciência

Se a gente começa a pesquisar nos livros científicos, vemos que a realidade foi diferente. O homem surgiu na terra há quase um milhão de anos, mas de uma maneira muito diferente de hoje. Era mais parecido com os animais e vivia em bandos como eles. Aos poucos foi se evoluindo e aperfeiçoando sua maneira de viver.

Como podemos ver na fig. , há milhares de anos surgiu um grupo chamado antropóide, que foi o antepassado não só dos homens, como também dos macacos e dos macacos antropóides que tanta curiosidade nos desperta, como os gorilas, chimpanzé e Orangotango.

Por isto devemos respeitar todos os animais, como sempre fizeram os índios. ^{Todos} Fazemos parte da mesma família vivente.

Depois o homem descobriu o fogo, que o ajudou muito não só para se aquecer, como também para cozinhar a comida e afastar o animais perigosos. Moravam em caverna, pois naquela época o mundo estava ainda em formação e havia muitas tempestades e grandes períodos de frio. Foi aí que o ^{homem} começou a deixar mais traços de sua vida na terra.

6- O homem começa a fazer cultura

No momento em que o homem pegou um pedaço de pau para se defender ou matar um animal, ele começou a fazer cultura. Cultura é pois tudo aquilo que ele cria, tanto sozinho como em grupo. Foi cultura a descoberta do fogo, quando ele esfregou dois pauzinhos ou quando tirou faísca com duas pedras. Cultura foram os desenhos deixados nas cavernas ou seu respeito pelos mortos, quando começou a enterrá-los.

Portanto não existe homem sem cultura, como não existe povo sem história. É muito errado achar que alguns povos são inferiores porque têm uma cultura diferente da nossa. Durante muito tempo destruimos os valores de outros povos, porque dizíamos que eles não tinham cultura ou que nossa cultura era melhor e que precisavam adaptá-la. Até a religião foi usada para destruir as culturas de outras nações, pois sem o seu passado, sem suas tradições era mais fácil dominar os outros povos.

Por isto é muito importante descobrirmos nossa verdadeira cultura, para não sermos dominados por outros povos. A nossa força está na tradição de nossos antepassados.

O que é importante é a nossa vida, o nosso costume. Não podemos deixar para pegar as coisas dos brancos. Nós temos tudo.

Wayrotsu - Xavante

7- As grandes civilizações

Em alguns lugares os homens se organizaram mais e criaram culturas mais técnicas, mais diferenciadas. Quando uma população cresce muito, novas técnicas precisam ser criadas para resolver seus problemas. Em alguns casos estas técnicas ajudaram as pessoas a viver melhor, em outros atrapalharam, destruindo muitos valores humanos. Nem toda cultura "adiantada" é boa. Muitas culturas modernas

estão destruindo os homens, não sendo portanto boas culturas. A melhor cultura é aquela que ajuda o homem a viver bem com seus semelhantes e a conservar a natureza, nossa mãe.

No passado houve as chamadas "grandes civilizações", mas que nem sempre ajudaram os homens a viver melhor. É importante conhecermos as culturas antigas para saber o que fizeram de bom e adaptá-lo aos nossos dias.

Todos os continentes conheceram "grandes civilizações":

a- na Ásia houve as civilizações persa, babilônica, assíria, chinesa, indiana e árabe. Muitas já desapareceram. Outras se conservaram, adaptando-se aos nossos dias.

b- na África houve as civilizações egípcia e etíope.

c- na Europa houve as civilizações grega e romana.

d- nas Américas houve as civilizações maia, asteca e incaica.

Apesar de sempre ter existido as "grandes civilizações", cada povo com sua cultura trouxe muitos valores para a humanidade. Basta lembrar que o alfabeto e muitas técnicas de navegação foram inventadas pelos fenícios. A batata e o milho, base alimentar em muitos países da Europa, foram descobertos e domesticados pelos indígenas das Américas, além do fumo e do chocolate, que é usado no mundo inteiro.

Precisamos descobrir o valor de cada povo e colocar sempre o que temos, a serviço da humanidade.

8 - A divisão da História

Com o aparecimento das grandes culturas da antiguidade, surgiu a escrita e com ela a época histórica. Assim colocamos o ano 6.000 antes de Cristo (a.C.) como o início da História. O que aconteceu antes é chamado de Pré-História.

Linha do	6,000 a.C.
tempo	Pré-história História

Para contar o tempo, os homens têm vários sistemas. Os povos indígenas contam o tempo pela lua. Os romanos contavam sua História a partir da fundação de Roma (753 a.C.). Os árabes muçulmanos contam a partir da hégira, que foi a fuga de Maomé da cidade de Meca (622 d.C.);

os judeus o fazem a partir do Êxodo, isto é, da saída do povo hebreu do Egito (1483 a.C.) e os cristãos o fazem a partir do nascimento de Cristo.

No mundo ocidental é mais comum usarmos o sistema cristão. Por isso colocamos como ano 1 o ano do nascimento de Cristo. O que aconteceu antes é chamado de era pré-cristã ou antes de Cristo (a.C.) e o que aconteceu depois desta data é chamado de era cristã ou depois de Cristo (d.C.).

Linha do tempo	a.C.	ano 1 / nascim. Cristo	d.C.

Sugestões para atividades didáticas

- 1- Você conhece algum mito ~~da criação~~ ou lenda indígena?
- 2- Que lição você conseguiu tirar do mito "O buraco no céu"?
- 3- Que ensinamento traz o mito da criação do homem contado pela Bíblia?
- 4- O que significa cultura para você?
- 5- Na sua opinião, existe algum povo que não tenha cultura ~~ou~~ ?
- 6- Mostre para seu professor e colegas uma ~~base de cultura feita~~ criação cultural sua ~~você~~.
- 7- Em um cartaz, desenhe ou cole fotos de objetos de cultura feitos ~~por~~ povos indígenas do Brasil.
- 8- Na sua opinião, qual é a melhor cultura? O que devemos fazer para que uma cultura não destrua os valores de outra cultura?
- 9- Organize com seus colegas uma brincadeira ou dança que representa a cultura de um povo ou de uma região do Brasil.
- 10- Procure montar em sua escola um arquivo ou um pequeno museu com tudo que represente ~~as~~ as culturas das várias nações e povos que vivem no Brasil.

TEXTO COMPLEMENTAR

QUEREMOS VIVER

Na cidade de Roterdam (Holanda) de 24 a 30 de novembro de 1980, reuniram-se os membros de jurado e os vários órgãos do IV Tribunal Russel, chamado a julgar as denúncias de violação dos direitos dos povos indígenas das Américas.

Este Tribunal foi uma tragédia e uma maravilha. Ao contrário do que aconteceu em outras partes do mundo em situações semelhantes, grande parte dos povos ind-ígenas das Américas sobreviveu, e guardou e desenvolveu sua identidade cultural, apesar das constantes tentativas de aniquilação de que foram vítimas. Os que acreditavam que os índios desapareceriam da face da terra, ~~xxx~~ presenciam hoje a esta maravilhosa re realidade de sua multiplicação e a vontade de manter sua cultura. Podemos estar seguros de que no futuro haverá na América muito mais índios de que agora e que seus verdadeiros rostos nunca mais ~~serão~~ ^{desaparecerão} ~~apagados~~.

Escutamos também as vozes que expressam a vitalidade e a capacidade de resistência destes povos e que falam de suas culturas que são mais antigas que as de muitos povos europeus. Contra eles foi realizada talvez a pior das perseguições da história humana: as guerras da conquista; o contágio fatal das enfermidades levadas pelos invasores europeus ~~à~~ América, e que os índios desconheciam; a escravidão e o trabalho forçado; a incorporação violentado sistema colonial mercantilista, que era incompatível com sua organização de produção comunitária, com sua maneira de viver e com sua autodeterminação; a proibição de sua religião e de sua língua.

O programa de destruição cultural e de opressão social das populações indígenas das Américas, não terminou quando se declararam independentes vários países do continente, mas adquiriu novas formas. A partir deste momento os mecanismos do colonialismo interno ^{foram} se consolidando cada vez mais, ~~induzindo~~ provocando com a maior crueldade a desintegração das comunidades indígenas. Chegamos assim a um altíssimo grau de agressão, dirigida por grupos locais e governamentais que estão a serviço das necessidades do mercado mundial e dos centros transnacionais do poder,

Os testemunhos, tanto ~~grazes~~ ^{falados} como escritos, que as vítimas apresentaram neste tribunal, ~~testemunham~~ atestam as tragédias e os crimes inimagináveis. Também nos impressionou durante as sessões, a indomável vontade e ^{estes} determinação que animam ~~os~~ povos ~~indígenas~~ que não querem impor aos demais seu modo de viver, mas que dignamente exigem que se respei-

te seu direito a ser eles próprios em um mundo pluralista.

Assistimos o levante universal de nacionalidades oprimidas e sua crescente exigência de autonomia. ^{Querem sair} ~~Procuram terminar com~~ o isolamento ^{que lhes foi} imposto e recuperar sua identidade cultural, Contra esta grande máquina universal de exploração econômica e de castração cultural, os povos indígenas da ^SAméricas oferecem seu sofrido, mas invicto perfil civilizador. Conservaram e enriqueceram modelos de comunidades antigas, não fundadas sobre ^{a avidez e} o lucro, mas na reciprocidade fraterna. Reivindicam a identidade entre a natureza e a cultura e nos oferecem indispensáveis respostas de convivência humana.

(IV Tribunal Russel sobre os direitos dos Povos Indígenas das Américas)

CAPÍTULO III

AS CIVILIZAÇÕES PRÉ-COLOMBIANAS

Nossa História começou, portanto, muito antes dos espanhóis e portugueses chegarem aqui. Nossa história começou com a chegada dos primeiros homens em nosso continente, que se perde na noite dos tempos antigos, talvez 40 mil anos a.C. .

Com o início das civilizações urbanas, isto é, aquelas que não mais viviam em aldeias, mas em cidades (2 mil a.C.), os povos ameríndios começaram uma fase de grande desenvolvimento tecnológico. Por isto podemos dizer que em nosso continente o que aconteceu antes do ano 2 mil a.C. faz parte da pré-história e o que aconteceu depois percente à história da América Indígena ou Ameríndia.

Com a chegada dos europeus, houve um grande desastre cultural. Se, para muitos, a chegada da esquadra de Colombo foi o início de uma epopéia histórica, para os povos indígenas foi o começo de um grande massacre que dura até hoje. Portanto, o que havia antes da "invasão européia" é chamado de civilização pré-colombiana. Neste capítulo, teremos, pois, duas partes: a pré-história do continente e as grandes civilizações pré-colombianas..

1- A pré-história do continente

Nossos antepassados vieram da Ásia, um continente que fica muito longe daqui, do outro lado do Oceano Pacífico, onde vivem os japoneses, chineses e outros povos. Até hoje as populações indígenas guardam em seu rosto e em seu corpo os traços da raça asiática. Mas não sabemos com certeza quando aqui chegaram. Talvez há, 40, 35 ou 30 mil anos a.C.. Mesmo sem saber a data certa, o que sabemos é que o homem aqui chegou há milhares e milhares de anos, numa época em que quase todo o hemisfério norte da Terra estava coberto por gelo.

Para fugir a este grande frio que durou milhares de anos — a chamada época glacial — os homens que viviam nestas regiões começaram a procurar regiões mais quentes. Como o mar do extremo norte estava

quase todo gelado, aproveitaram para atravessá-lo, pois o estreito de Bering formou uma verdadeira ponte ligando a Ásia com a América.

Estes homens eram caçadores e coletores de frutas, andando de uma região para outra, procurando sempre melhores lugares para viver, como, durante muito tempo, fizeram os povos indígenas em nosso continente. Viviam em pequenos grupos e as únicas lembranças que deixaram foram as pontas de lanças feitas de pedra lascada. Encontramos provas seguras de que eles já estavam na América do Sul por volta dos anos 10 mil a.C. (Venezuela, Peru, Equador, Brasil, Argentina e Uruguai).

(foto)

Por isto, esta época é chamada de Período da Pedra Lascada ou Período Paleolítico e os homens daquele tempo são chamados de paleoíndios.

Por volta de 7 mil a.C. estes índios já começaram a trabalhar mais a pedra, polindo-a e fazendo machados, soquetes de pilão, pesos para pescar e bacias. O arco e a flecha já são usados como armas. Como viviam em cavernas, muita coisa foi protegida da destruição dos terremotos e inundações, tão freqüentes neste tempo. (foto)

Esta época foi chamada de Período da Pedra Polida ou Período de Transição e durou até o ano 3 mil a.C., aproximadamente. Foi nesta fase que o homem começou a domesticar muitas plantas como a cabaça, a abóbora, o abacate, o feijão, o milho, a batata doce, a mandioca e o algodão. Até o momento o homem não plantava nada e as plantas cresciam selvagens no mato. Com o cultivo sistemático, as plantas foram criando espécies mais resistentes e mais produtivas.

Este fato foi muito importante na história da Ameríndia, pois com uma alimentação mais sadia e rica, a população começou a crescer e novas formas de trabalho foram surgindo. Assim surgiram as aldeias que mais tarde se transformaram em cidades.

2- As grandes civilizações pré-colombianas

Outro passo importante em nossa História foi a descoberta do cobre, por volta do ano 2 mil a.C.. Sendo um metal fácil de ser fundido, muita coisa importante começou a ser fabricada: machado, facões, agulhas, anzóis, bricos e colares. Isto representou uma

verdadeira revolução cultural. As aldeias já podiam agasalhar muito mais gente, porque a alimentação começou a ficar mais fácil de se conseguir. Esta época foi chamada Idade do cobre.

Neste tempo devem ter chegado da Ásia, vindos pelo mar, novos povoadores. Estes grupos do sudeste asiático (onde existe hoje o Camboja e o Vietnã) já deviam ter desenvolvido técnicas de navegação que os permitiram enfrentar o mar, através das ilhas da Polinésia ou da Austrália. Muitas semelhanças são encontradas neste período entre os povos dos dois continentes, não só na arquitetura, cerâmica como até em certas palavras que ainda conservam o mesmo significado.

a- A civilização Olmeca

Certamente estes asiáticos trouxeram muita coisa nova de suas terras como o ferro, técnicas de engenharia e tecelagem. Assim é que por volta do ano 1.500 a.C. surge na região de Vera Cruz (litoral atlântico do atual México), a primeira "grande civilização" do continente, a civilização Olmeca.

Não sabemos muita coisa da história do povo que construiu esta civilização, mas ainda hoje admiramos suas esculturas gigantescas e sua cerâmica artística. Tinha bom conhecimento de engenharia, conseguindo transportar blocos de pedra de 50 toneladas por mais de 100 km de distância. A religião teve um lugar importante nesta cultura, como vemos nos objetos religiosos de cerâmica feitos por eles. No início da era cristã (século I) desapareceram repentinamente, talvez destruídos pelos homens de Teotihuacan, que embora vivendo no centro do atual México, aos poucos foram conquistando toda a região da Mesoamérica.¹

A civilização de Teotihuacan durou quase 900 anos (de 300 a.C. a 600 d.C. aproximadamente) e continuou a tradição Olmeca na cerâmica, na engenharia e na construção de templos e lugares de culto.

b- A civilização Maia

No início da era cristã, nas selvas do sul da Guatemala atual, surgiu um dos povos mais avançados da América pré-colombiana — Os Maíás

(1) nome que se dá à região onde se encontra atualmente o México.

Desenvolveram a escrita em forma de hieroglifos², inventaram o calendário, conheciam os números, inclusive o zero, que permitia formar as dezenas e as centenas. A religião teve um papel central na vida deles, pois foram numerosos os templos em forma de pirâmide construídos por eles e eram os sacerdotes os dirigentes do País. Muita coisa deste povo se parecia com as culturas asiáticas da mesma época e foi a única civilização urbana que se desenvolveu numa floresta das Américas. (foto)

Teve um fim repentino, bem antes da chegada dos espanhóis, talvez devido às revoltas internas, talvez às guerras com outros povos da região ou à perda de confiança nos seus chefes, os sacerdotes. Infelizmente muita coisa desta civilização continua envolvida no mistério, pois sua escrita não foi ainda decifrada.

c- A civilização asteca

Os Astecas eram um povo guerreiro e tinham uma cultura mais voltada para as coisas práticas da vida do que para a arte ou religião, como seus vizinhos. Como eram valentes e conquistadores, aos poucos foram dominando os outros povos da região, aprendendo com eles novos valores e costumes. Desenvolveram-se de tal forma que os espanhóis quando ali chegaram, Tenochtitlán, a capital asteca, era uma cidade de quase 300 mil habitantes. Basta lembrar que Sevilha, a maior cidade do reino de Aragão e Castela (Espanha) tinha 120 mil habitantes e Lisboa apenas 100 mil. A beleza de seus templos, "seu conforto e regularidades que superavam Roma e Constantinopla", como disse um escritor espanhol da época, deixaram os invasores europeus admirados.

Apesar destes avanços técnicos e da bravura de seu povo, os Astecas apresentavam alguns pontos fracos que favoreceram a derrota ante o invasor: o regime autoritário de Montezuma, que provocou grandes descontentamentos nos povos vizinhos, levando-os a colaborar com os espanhóis; a religião, que dizia que Quetzalcoatl, o deus asteca, prometera voltar acompanhado de "homens brancos e barbudos", dando assim caráter divino aos espanhóis; o desconhecimento da pólvora, do cavalo e da roda que deixaram os astecas em real inferioridade na guerra. Apesar de tudo, a sangrenta conquista espanhola, dirigida por

(2) - Escrita feita à base de desenhos

Fernando Cortez, durou dois longos anos.

A sede de ouro daqueles bárbaros conquistadores arrasou tudo que encontravam: templos, estátuas, jóias, destruindo uma das civilizações mais avançadas da época.

"Dedica-te à agricultura ou à fabricação de artesanato de penas de aves ou a alguma outra profissão honrada. Teus antepassados fizeram o mesmo. Como iriam então se sustentar? Ninguém ouviu dizer ainda que apenas o título de nobreza sustenta o homem nobre."

(Texto asteca, in J.Descola)

As grandes plantações agrícolas, o alto grau técnico das cidades astecas e a sabedoria deste texto, mostram que os indígenas que viviam no território mexicano eram povos trabalhadores e muito diferentes dos "índios preguiçosos", como apresentaram os conquistadores espanhóis e norte-americanos...

"Veste aquele que está nu e dá de comer ao que tem fome, pois você deve se lembrar que eles são carne de sua carne."

(Texto asteca, in J. Descola)

d- As culturas andinas

No centro-oeste do continente sul-americano, onde se localizam hoje Peru e Bolívia, surgiram também grandes culturas como a Mochica, Nazca, Chavin e Tiahuanaco. Nestas regiões da cordilheira dos Andes foram construídas grandes cidades com pirâmides, parques, cemitérios e reservatórios de água. Seus habitantes possuíam técnicas avançadas de engenharia, pois conseguiam levar pedras de mais de 100 toneladas a distâncias de 5 km, como na civilização de Tiahuanaco. Foram excelentes metalúrgicos, fabricando muitos objetos de cobre, bronze, ouro e prata, desde enfeites até instrumentos de lavoura. Algumas cidades chegaram a ter mais de 50 mil hab., como Chan-Chan, capital do Império Chimú, ligado à cultura mochica. Todas estas culturas surgiram no começo da era cristã e se acabaram com a ^{ocupação} ~~chegada~~ ^{incaica} por volta de 1470 d.C.. (fotos)

O Império incaico

Como os Astecas, os Incas eram um povo guerreiro, que partindo de Cuzco, na cordilheira dos Andes (no atual Peru), foram dominando todos os povos que encontravam, criando assim um grande império, que começava ~~xxxxx~~ no norte do continente (sul da atual Colômbia) indo até o sul (envolvendo parte da atual Argentina).

Os Incas, quanto à organização e eficiência, podiam competir com o Império Romano: boas estradas, um serviço de correio muito rápido, técnicas agrícolas avançadas e importantes obras de engenharia (pontes, canais, etc). Usaram a irrigação na maior parte do território, que juntamente com as plantações em terraços, conseguiam uma grande produção agrícola.

Uma mensagem levava apenas 2 dias para fazer 500 km de distância e duas semanas para atingir qualquer ponto do ~~país~~ Império que tinha mais de três mil km, de extensão, com muitas áreas montanhosas. Isto foi possível devido aos grandes corredores, chamados chaski, que podiam competir com qualquer corredor grego. A medicina se desenvolveu bastante também, conseguindo fazer cirurgias cranianas (trepanações) usando a coca como anestésico.

~~XXXXXXXXXXXXXXXX~~ Os Incas tiveram falhas em seu sistema social e político, impondo um regime muito centralizador e autoritário. Muita coisa era obrigatória, como ~~XXXXXXXXXXXX~~ língua, quando o quéchua e o aimará foram impostas aos dialetos locais, e os cultos particulares foram substituídos pelo culto do Sol e do Grande Inca, seu filho. Em cada quarteirão havia uma espécie de policial que tudo controlava e os impostos eram pesados, apesar da terra ser dividida entre o rei, os sacerdotes e o povo.

- O testemunho de
 Ainda, a vida dos habitantes deste império era feliz. ~~XXXXXXXXXXXX~~
 dos ^{es} ~~um~~ conquistador do Peru, Mancio Sierra Lejesema, ~~XXXXXXXXXXXX~~
bem o demonstra;
mostra bem isto

"Os Incas governavam seus súditos de tal maneira que entre eles não havia ladrão, corruptos ou mulher adúltera... As montanhas, a caça, a lenha e toda a alimentação era controlada e repartida de tal maneira que cada um possuía seus bens, sem que ninguém precisasse roubar algo do outro... As ações de guerra, em-

bora numerosas, não os impediam de realizar o comércio... A ordem e a harmonia reinava em toda parte... Destruímos por nosso mal exemplo este povo que se governava tão bem..." ("Verdadeira confissão e protesto na hora da morte" in J. Descola)

Com explicar a queda deste Império com quase 15 milhões de pessoas e com um regime tão militar? ^{Muitos fatores interferiram neste} ~~resíduo da fragueza deste reino.~~
Além do desconhecimento da pólvora, do cavalo e da roda, os Incas passavam ^{também} por um período de guerras internas que estavam rachando o imenso território. Com a morte de Huayna Capac, o último grande Inca (1470-1525), o império partiu-se em dois: um ao norte, com capital em Quito, coube a Atahualpa e outro ao sul, com capital em Cuzco, ficou para Huáscar, herdeiro direto. Assim divididos, facilmente os espanhóis dominaram os dois grupos, realizando uma verdadeira matança das líderes, não tendo quase nenhuma reação do povo que imaginava ter nos espanhóis seus verdadeiros libertadores.

Qual não foi a decepção! Além da destruição de todos seus valores culturais, como religião, costumes e festas, a ^sdoenças trazidas pelos brancos provocaram uma verdadeira catástrofe. Segundo escritores da época, a costa norte do Peru que devia ter quase 2 milhões de índios no início de séc. XVI, duzentos anos depois tinha apenas 20 mil!

o o o

Outras culturas importantes surgiram na América do Sul, como a Chibcha, a de San Agustín e Tairona, na atual Colômbia; a cultura Cocle no atual Panamá e a Barrancóide, na Venezuela, além das culturas Marajoaras, de Santarém e Tupi-Guarani ^{no Brasil, como} ~~que~~ veremos no capítulo seguinte.

Há muito ~~mais~~ ^{de} para conhecer da história dos povos que viveram nas Américas, nossos verdadeiros antepassados. Por que será que estudamos tanta coisa da Grécia e ^{de} Roma antigas e tão pouco de nosso passado?

Precisamos desenterrar nossas culturas e mostrar que a memória de um povo não se mata!

Leitura Complementar

A DESTRUIÇÃO DA AMÉRINDIA

"Havia de tudo entre os indígenas da América: astrônomos e canibais, engenheiros e selvagens da Idade da Pedra. Mas nenhuma das culturas nativas conhecia o ferro nem o arado, nem o vidro e a pólvora, nem empregava a roda. A civilização que se abateu sobre estas terras, vindas do além-mar, vivia a explosão criadora do Renascimento: a América apreciava como uma invenção a mais. O desnível do desenvolvimento de ambos os mundos explica a relativa facilidade com que sucumbiram as civilizações nativas. Fernão Cortez desembarcou em Veracruz acompanhado por não mais de 100 marinheiros e 508 soldados; trazia 16 cavalos, 32 bestas ^{de carga} ~~de carga~~ e 10 ^{canhões} ~~canhões~~ de bronze e alguns arcabuzes, mosquetões e pistolas. Bastou-lhe isto. E entretanto a capital dos astecas, Tenochtitlan, era cinco vezes maior que Madrid e tinha o dobro da população de Sevilha, a maior das cidades espanholas. Francisco Pizarro, por seu lado entrou em Cajamarca ^{capital} ~~no~~ império Inca com 180 soldados, 37 cavalos e encontrou um exército de 100 mil índios.

Os indígenas foram derrotados também pelo assombro. O imperador Montezuma recebeu em seu palácio as primeiras notícias: um grande "monte" andava mexendo-se pelo mar. Outros mensageiros chegaram depois: "... muito espanto lhe causou ao ouvir como dispara um canhão, como ressoa seu estrépido, como derruba as pessoas; e atordoam-se os ouvidos. E quando cai o tiro, uma bola de pedra ~~de~~ sai de suas entranhas: vai chovendo fogo..."

Os conquistadores praticavam também, com refinamento e sabedoria, a técnica da traição e da intriga. Souberam ^{altar-se} ~~adunarse~~ com os tlaxcaltecas contra Montezuma e explorar com proveito a divisão do império incaico entre Huáscar e Atahualpa, os irmãos inimigos. Uma vez abatidas pelo crime, as chefias indígenas souberam ganhar cúmplices entre as castas dominantes intermediárias, sacerdotes, funcionários, militares.

As bactérias e os vírus foram os aliados mais eficazes. Os europeus traziam consigo, como pragas bíblicas, a varíola e o tétano, várias doenças pulmonares, intestinais e venéreas, o tracoma, o tifo, a lepra, a febre amarela, as cáries que apodreciam as bocas. A varíola foi a primeira a aparecer. Os índios morriam como moscas; seus organismos não opunham defesas ^{contra} ~~contra~~ doenças novas. E os que sobreviviam ficavam debilitados e inúteis. O antropólogo brasileiro Darcy

Ribeiro calcula que mais da metade da população aborígene da América, Austrália e ilhas Oceânicas morreu logo no primeiro contato com os homens brancos.

Com tiros de arcabuz, golpes de espada e sopros de peste, avançavam os implacáveis e escassos conquistadores da América. É o que contam as vozes dos vencidos.

Pedro de Alvarado e seus homens atiraram sobre a Guatemala e "eram tantos os índios que mataram que se fez um rio de sangue! Antes de Francisco Pizarro degolar o inca Atahualpa e lhe cortar a cabeça, arrancou-lhe um resgate em "pilhas de ouro e de prata que pesavam mais de vinte mil marcos de prata fina, um milhão e trezentos e vinte e seis mil escudos de ouro finíssimo..."

*("As Vias abertas da América Latina"
Eduardo Galeano)*

OS NÚMEROS REVELAM O MASSACRE

"Podemos dar conta boa e certa que em 40 anos, pela tirania e diabólicas ações dos espanhóis, morreram injustamente mais de 12 milhões de pessoas, homens, mulheres e crianças. Verdadeiramente eu creio, e penso não ser absolutamente exagerado, que morreram mais de 15 milhões."

Frei Bartolomeu de Las Casas

Usando um esquema adotado por Dobyns e outros pesquisadores, tentamos fazer uma estimativa da população indígena que vivia na época da conquista. Multiplicando por 20 o número de indígenas que se conseguiu obter ~~no momento~~ ^{praticamente} no momento em que já havia cessado os massacres e as grandes epidemias ~~(cf. quadro I)~~ ^(população recuperada - cf. quadro I) vamos chegar a um total de 145 milhões de ameríndios, o que representa mais de uma quarta parte da humanidade da época. Em 1650, segundo León Pomer, a população da Ameríndia havia caído para 10 milhões, confirmando as denúncias de genocídio feitas por Frei Bartolomeu de las Casas. Aos poucos a Ameríndia vai se reerguendo. Em 1950 sua população já estava em 15 milhões e atualmente se ~~est~~ calcula em 39 milhões. São dados aproximados, pois em países como México, Peru e ^{Paraguai} Bolívia é muito difícil saber quem ~~é~~ indígena, devido à grande mestiçagem e ao preconceito racial. (ver quadro II)

POPULAÇÃO INDÍGENA DAS AMÉRICAS

Quadro I

Regiões	População recuperada	Data da recuperação
América do Norte	490.000	1930
México	1.500.000	1650
América Central	540.000	1650
Ilhas do Caribe	10.000	1650
Países Andinos	3.720.000	1650
Cone Sul (Argent.Parag.Urug)	455.000	1650
Venezuela	280.000	1650
Brasil	250.000	1798 ²

Fontes: Berta Ribeiro e León Pomer

Quadro II

Regiões	Projeção X 20 População provável	População atual
	<i>na época da invasão europ.</i>	
América do Norte	9.800.000	825.000
México	30.000.000	14.000.000
América Central	10.800.000	5.211.200
Ilhas do Caribe	200.000	6.000
Países Andinos	74.400.000	15.830.000
Cone Sul	9.100.000	2.085.000
Venezuela	5.600.000	300.000
Brasil	5.000.000	200.000
TOTAL	144.900.000	38.457.200

Fontes: SIAL e Cimi

* in Nina Rodrigues

Sugestões para atividades didáticas

- 1- Por que povos asiáticos vieram para as Américas?
- 2- Qual foi a influência da alimentação no desenvolvimento das populações primitivas?
- 3- Faça um mapa da mesoamérica e centroamérica e coloque as "grandes civilizações" da região.
- 4- Pesquise o que de mais importante houve nestas civilizações.
- 5- Descubra o nome dos soberanos indígenas que enfrentaram os espanhóis no reino asteca e no império incaico.
- 6- Quais os pontos que mais lhe chamaram a atenção na cultura incaica?
- 7- Faça um cartaz colando fotos ou desenhos da cultura incaica.
- 8 - Por que os espanhóis dominaram estes povos em tão pouco tempo?
- 9- Qual a lição que você tira deste massacre cultural e humano?
- 10- Faça um trabalho de pesquisa para ver se ainda continuava ^{havendo} o etnocídio (destruição cultural) e o genocídio (destruição física) contra os povos indígenas do continente.

Nos puseram um preço: preço de jovem, preço de sacerdote, de criança e de donzela. O preço de um pobre era um punhado de milho. Dez tortas podres era o nosso preço.

escravo asteca - 1528

Bibliografia

- 1- ALBÓ, X. - Nuestra História, CIPCA, La Paz, 1976
- 2- CARDOSO, Flamarion - A América Pré-Colombiana, S. Paulo, Brasiliense, 1982, Col. ~~XXXXXXXX~~ Tudo é História, nº 16
- 3- DESCOLA, J. - Les Conquistadors, Paris, Fayard, 1954
- 4- MEGGERS, B. - América Pré-Histórica, Rio, Paz e Terra, 1979
- 4 5- POMER, L. - História da América Hispano-Indígena, S. Paulo, Global Ed. 1983

- 8 6- RIBEIRO, Berta - O Índio na História do Brasil, S. Paulo, Global Ed.
1983
- 9 7- RODRIGUES, Nina - Os Africanos no Brasil, S. Paulo, Comp. Ed. Nacional,
1977, Col. Brasileira, nº 9
- 10 8- SIAL - Mapa da América Latina e populações indígenas - Itália
- 4 9- GALEANO, E. - As Veias Abertas da América Latina, Rio, Paz e Terra,
1983
- 5 10- LAS CASAS, B. - O Paraíso Destruído, Porto Alegre, L.P.M. Edit., 1984

- SUA VIDA E COSTUMES -

Como já vimos, os povos indígenas que aqui viviam eram muito diferentes e cada um tinha seus costumes. Pouca coisa sabemos deles, pois não deixaram documentos escritos, e as cerâmicas e objetos de arte quase não sobraram devido ao desprezo com que os portugueses trataram as populações nativas. Durante muito tempo foram considerados como um "bando de selvagens" e precisou um pronunciamento do Papa para dizer que não eram animais e sim seres humanos com alma espiritual.

O que existe sobre os ameríndios desta época são os escritos de viajantes e missionários que aqui viveram ou que foram prisioneiros de alguma tribo, como foi o caso de Hans Staden, um alemão que deixou suas memórias de prisão que até hoje desperta grande interesse de todos.

Seguindo o mesmo esquema do capítulo anterior, vamos apresentar os costumes dos Tupinambá, um grupo Tupi do litoral, a vida dos Timbira, habitantes do cerrado e a vida dos Kayabi, que vivem atualmente no Parque do Xingu, colocado como leitura complementar, e que mostra uma população da região amazônica.

1- Os Tupinambá

Por viverem no litoral do Rio e Bahia, na época da chegada dos portugueses, os Tupinambá foram um dos povos mais conhecidos e sobre os quais mais se escreveu na época colonial. Por terem resistido com muita bravura à invasão portuguesa, praticamente foram destruídos nos primeiros 70 anos de ocupação branca. Muitos grupos migraram para o nordeste e norte do país, mas não tiveram sorte melhor, vítimas dos portugueses que já estavam chegando por lá ou das guerras intertribais que aumentaram muito naquela época. Tiveram grandes caciques, como Cunhambebe, ^(Rio) Aimberê, Koakira e Cunhambebe II (Angra dos Reis), que se destacaram na Confederação dos Tamoios.

a- A aldeia

A aldeia, centro da vida social do grupo indígena, sempre foi muito importante para eles. Por isto, até a forma de construí-la representa ainda hoje a maneira de cada tribo ver sua organização social. Entre os Tupinambá, a aldeia era feita em forma circular, com um pátio no centro, onde realizavam as festas, as reuniões e os grandes atos da comunidade. Naquela época, devido às constantes guerras intertribais, costumavam construir uma

cerca dupla em volta da aldeia, que não era muito grande.

Colocavam tudo em comum e o que cada um tinha pertencia à comunidade. As cabanas abrigavam sempre duas ou três famílias: não tinham divisória, mas cada grupo se instalava num canto da casa. Dormiam em redes e a refeição era feita em família, todos comendo na mesma tigela, como fazem até hoje os Tupi. Esta harmonia impressionou muito os primeiros europeus que aqui chegaram, vindos de outra sociedade muito marcada pelo individualismo e pela ganância.

"Em cada casa dessas vivem todos muito conformes, sem haver nunca entre eles diferença: antes são tão amigos uns dos outros que o que é de um, é de todos e sempre que qualquer coisa que um coma, por pequena que seja, todos hão de participar dela."

Jean de Lérry, missionário protestante

Como precisavam produzir para se manter, as aldeias eram pequenas, não ultrapassando sete cabanas, com uma média de 150 pessoas. Nas horas de festa ou de perigo, as aldeias aparentadas ou amigas se uniam, sendo que o sofrimento e a alegria de um, era o sofrimento e a alegria de todos.

b- A terra e o trabalho

Viviam de caça, pesca, coleta de frutos e plantação. Os Tupinambá eram sobretudo agricultores. A terra era sua "mãe" que a todos sustentava. Famosa é a frase do velho Tupinambá, recolhida por Lérry:

"Temos pais, mães e filhos que amamos, mas estamos certos que depois de nossa morte a terra que nos alimentou também os alimentará e por isto descansamos sem maiores preocupações."

Tinham seu ritmo de trabalho: durante uma ou duas manhãs por semana iam trabalhar juntos nas roças. Levantavam bem cedo, saindo depois para o roçado. Quando o sol ficava muito quente, para-

vam o trabalho e voltavam para a aldeia, onde cauinavam¹ na casa do dono da roça.

A divisão do trabalho sempre foi muito rígida entre eles. Certas coisas eram feitas pelos homens e outras pelas mulheres. A derrubada, a queima da mata para o roçado, a caça, a pesca, a defesa da aldeia e a guerra eram tarefas dos homens. A plantação, o cuidado das crianças, o preparo dos alimentos e a fiação do tecido era com as mulheres.

Por isto quando os portugueses começaram a obrigar o índios a trabalhar na lavoura, tiveram pouco resultado, pois além de não estarem acostumados a um trabalho sistemático, a plantação era coisa de mulher e ia contra suas tradições. Daí a fama de serem preguiçosos e vadios, boa justificativa para os castigos e matanças que fizeram.

Mesmo sendo agricultores, os Tupinambá foram um povo nômade, isto é, viajante. Duas razões os faziam mudar de região: o empobrecimento da terra, pois não conheciam o adubo, e suas idéias religiosas que os levavam a procurar uma região sem sofrimento - a "Terra sem Males". Com estas andanças, os Tupi ocuparam todo o litoral brasileiro, espanhando a mesma língua. Isto facilitou a dominação cultural imposta pelos portugueses, pois com a mesma língua era mais fácil a comunicação e o controle. Os jesuitas criaram até a chamada "língua geral" (mistura de tupi e guarani) que foi muito usada nas missões para a catequese.

c- A educação

A educação entre os Tupinambá era feita pela tradição e pelos exemplos dos mais velhos. Como não havia escrita entre eles, tudo era passado oralmente de pai para filho. Os ~~anceiros~~^{velhos} tinham assim um papel importante na aldeia. Os jovens escutavam com atenção tudo que diziam, aprendendo deles as histórias da tribo e o conhecimento sobre a natureza, as festas e as guerras. Faziam sempre à noite ou de madrugada quando acordavam.

"(O velho) era ouvido com todo o silêncio na casa grande, falando grave e pausadamente, usando gestos que bem explicam o que ele quer dizer e o sentimento com que fala. (...) Nisso

¹- ação de tomar coletivamente o cauim, bebida fermentada com a saliva, feita à base de mandioca, abóbora, amendoim ou banana.

passam os velhos a maior parte da noite depois que despertam, contando histórias aos mais novos e (...) às vezes chorando, contam uns aos outros, palavra por palavra, quem foram seus avós e antepassados e o que se passou no tempo em que viveram."

Apenas eles e os pajés (ou xamã) conheciam os segredos da religião. Cultuavam os antepassados e os maracás² eram uma espécie de divindade. As mulheres não podiam participar de certas reuniões e nem dirigir cerimônias religiosas, com exceção das velhas que tinham um papel importante em alguns rituais, como a preparação do cauim e da carne do morto. Na chegada de algum hóspede, em sinal de alegria e bom acolhimento, havia o choro ritual, dirigido também pelas velhas.

Não existia um cacique geral da aldeia, mas cada cabana tinha um chefe que era ~~obedecido~~ obedecido por seus familiares. Quando algum cacique sobressaía por sua valentia ou coragem, tinha mais autoridade que os outros, como foi Cunhambebe, na região do Rio de Janeiro.

d- As guerras e a morte ritual dos prisioneiros

Apesar de toda essa fraternidade e harmonia, a guerra tinha grande importância entre eles. Basicamente era para defender e conquistar territórios, mas servia também para treinar os jovens na bravura e desenvolver o espírito grupal. A participação do adolescente num combate era o ato em que ele se tornava adulto.

Por vários motivos guerreavam. Faziam guerra para conseguir prisioneiros para seus rituais, faziam guerra para vingar a morte de algum parente ou quando precisavam de mais comida.

Muita coisa já se disse e se escreveu sobre a antropofagia³ dos Tupinambá. Mas foram poucos os que tentaram descobrir o significado profundo deste ato. Até hoje os índios no Brasil têm fama de comer carne humana e muita gente pensa que se branco for numa aldeia corre risco de vida!...

Entre os Tupinambá, matar alguém significava um ato de bravura

(2)- instrumento musical feito de cabaça e considerado com poderes mágicos

(3)-ato de comer carne humana, o mesmo que canibalismo.

acrescentava um nome novo ao matador, além do morto se incorporar, com suas qualidades, à pessoa de quem ^{matava} matava. Não só o matador era beneficiado, ~~mas~~ todos que participassem do banquete cerimonial. Esta participação da comida da vítima encontramos em muitos povos antigos, inclusive ^{os} judeus da Bíblia, que comiam a carne dos animais sacrificados no Templo. Cristo usou este costume para anunciar ~~xxx~~ a nova vida que teriam seus seguidores que participassem da refeição sagrada: "quem não comer da minha carne ou não beber do meu sangue não terá parte comigo". A diferença estava ^{-em} ^{na} que sua carne não seria a carne humana, mas ~~xxx~~ o pão e o vinho.

Assim a antropofagia dos Tupinambá, longe de ser um ato de selvageria, era um sacrifício religioso que revigorava a força da comunidade.

Ainda hoje encontramos entre os Yanomami do Norte de Roraima um ritual que faz lembrar este costume antigo: ^{o corpo} ~~xxx~~ de um parente morto é queimado e as cinzas são misturadas à uma bebida que todos recebem para serem fortalecidos pelas virtudes do falecido. Há outra interpretação que diz que toda pessoa ao morrer, transforma-se num inimigo da tribo, devendo sua morte ser vingada e este estado de inimizade ser "sepultado" nas entranhas ~~da~~ seu povo.

Infelizmente ~~em~~ ^{existe} em nossos dias ~~com~~ um outro tipo de canibalismo que está devorando os trabalhadores nas fábricas, na lavoura e nos projetos econômicos das multinacionais, sem que ninguém se choque com isto. Não podemos esquecer que apenas no Brasil ~~existem~~ ^{1.000} mais de ~~xxx~~ crianças morrem de fome, ^{por dia} vítimas desta antropofagia chamada capitalismo!

2- Os Timbira

Os Timbira fazem parte da família linguística Jê e pouca coisa sabemos deles na época da invasão portuguesa. Como viviam no interior do Piauí, norte de Goiás e sul do Maranhão, só tiveram contato com os brancos no séc. XVII, com a chegada do gado e com a criação dos aldeamentos jesuítas.

Como todos os índios que não falavam tupi, foram também chamados de Tapuia (os bárbaros). Os Krikati, os Canela (Ramkokamekrã e Apaniekã) no Maranhão, os Gavião do Pará, os Apinayé e Krahô em Goiás, fazem parte ^{hoje} da grande família Timbira.

1- A aldeia

Enquanto os Timbira forem Timbira, vão construir suas aldeias

em círculo, o que está ligado "à sua organização social e cerimonial", como disse o grande Curt Nimuendajú. ^{Para este fim} Escolhem sempre ~~em~~ um lugar ~~fixo~~ ^{o que} ~~fixo~~ próximo à água e com um chão de argila duro, ~~que~~ é muito importante para suas danças.

No centro da ^{aldeia} ~~peça~~ está o pátio e as casas em número de 10 a 15 são ^{ai} ligadas por vários caminhos retos. Na direção dos quatro pontos cardeais partem também quatro estradas usadas nas corridas de toras.
(foto)

A peça principal de uma casa timbira ~~é~~ a cama de varas de buri ti que serve também de ~~o~~ banco e de mesa. Grande parte do tempo se passa sobre esta cama. As panelas e vasilhas são guardadas sobre a palha da cobertura, no chão ou debaixo das camas. Uma das características deste grupo era o hábito de fazer a comida em pequenos fogos ao lado das ~~camas~~, entre o chão quente e pedaços de barro ou pedras quentes.

b- A vida cultural

O Timbira era e ainda é um povo amigo da música. Muito de seus cantos não ~~eram~~ ^{são} acompanhados por instrumentos. Possuíam ~~no entanto~~ ^{antigamente} o maracá como os Tupimambá, sem que tivesse para eles ~~nenhum~~ ^{significado} religioso ou mágico. Era apenas utilizado pelo cantador para marcar o ritmo quando puxava o canto junto às mulheres. Nesta cerimônia, ainda ~~é~~ hoje as mulheres se colocam em fila, ombro a ombro, balançando os ~~o~~ braços e dobrando os joelhos. A música continua sendo muito importante entre os Krahô. Segundo um costume antigo, as meninas costumam trazer pendurado ao pescoço um papo de macaco guariba, com que bebem água para que sua voz se torne grave, o que é muito bonito para os cantos femininos. ~~XXXXXXXXXX~~ Os meninos, por sua vez, trazem dependurado uma pequena cuia enfeitada com penas de papagaio, acreditando que com isto escutarão melhor.

~~Um~~ ^{Outra} característica Krahô é o sepultamento dos mortos. Como ~~para eles~~ o lugar da morte é o lugar da origem, procuram sempre morrer na casa materna.

c- A alimentação

A base alimentar do povo Timbira ~~eram~~ ^é a mandioca, a batata doce, milho, inhame e ~~um~~ ^{além de} ~~um~~ ^{alimento} que hoje já não existe, chamado kupa. Como nos grupos antigos, as mulheres cuidam da roça e os homens da caça e pesca, embora ~~hoje~~ ^{esta divisão} não está sendo mais seguida. Geralmente quando é feito um mutirão na roça de um deles, este se compromete a dar a refeição aos trabalhadores.

O resultado de uma caçada ou pescaria ^{sempre} geralmente é repartido entre todos, pois o que é de um, é de todos. Em muitas tribos há normas na divisão das partes, de acordo com a participação de cada um naquela tarefa.

4- Suas crenças

Como a maioria das populações nativas, os Timbira acreditam na existência de uma parte espiritual no homem. Os Krahô, por sua vez, aplicam esta idéia para todos os seres: animais, plantas e minerais. A isto eles chamam de karõ.

É diferente na noção cristã de alma, pois esta se separa do corpo apenas por ocasião da morte. Para eles até dormindo, o karõ pode afastar-se de uma pessoa quando ela sonha ~~vagando~~ ^{com} lugares distantes ou mesmo na doença. A morte ocorrerá quando o karõ não quiser voltar mais para o corpo do indivíduo.

O karõ não é imortal, podendo ser transformado num animal, que ao morrer vai ser transformado num pedaço de pau ou num monte de cupim. Se ocorrer um incêndio naquele local, será então definitivamente destruído. Quando se oferece algum alimento à alma do falecido, evidentemente o espírito não comerá o alimento material, mas o karõ do alimento, numa misteriosa refeição.

Para o Krahô o lugar da morte é o lugar da origem e por isto eles procuram sempre morrer na casa materna.

Assim cada povo tem seus costumes, tradições e lendas. Muita coisa poderia ser contada sobre a cultura e costumes de nossos povos indígenas. Mas deixamos agora o espaço para você continuar a pesquisa.

ENTRE OS ÍNDIOS KAYABI

21/8/77 _ aldeia Diauarum,

Hoje é domingo. Normalmente iria à praia, se fizesse sol. Os índios não tem dia certo para descansar, nem hora certa para comer. Deixam cansar quando estão cansados, comem quando estão com fome. À noite gostam de ficar conversando, cada casal na sua rede e não como os xinguanos com a rede da mulher abaixo da do marido, para avivar o fogo. Assim que começa a anoitecer, vão juntando lenha perto das redes, enquanto as velhas cosinham, as jovens ajudam ou embalam os nenês, os homens conversam e as crianças brincam.

No dia em que cheguei, à tardinha, dei uma volta para encontrar um esconderijo que servisse de banheiro. Os meninos logo desconfiaram e foram atrás de mim. Fiquei indignada e disse: "Onde é que vocês pensam que vocês vão?" "Vam só mostrar a você onde é que é", responderam rindo, sem malícia.

Maria me convidava sempre para ir ao banho. Então a menina toda nos acompanhava. Mas, à tarde, Ugratú, Mairán e Txiravé esperavam a gente voltar para irem banhar-se e, assim, deixar-me mais à vontade.

Hoje é o segundo dia em que vou à roça com Di-katu para colher algodão. Ela apontou as nuvens e, embora falando em kayabi, entendi que o período seco estava chegando ao fim e ela tinha que colher todo o algodão que havia plantado, do contrário, caso chovesse, o perderia. O trabalho mais exaustivo, que é cortar os galhos e as trepadeiras de feijão com um machete, foi feito por ela. A mim e à Maria coube recolher os flocos em grandes urupem⁴ não pintados. Nisso fomos ajudadas por Pápi, Tanatú e Paranã que o faziam mais por brincadeira, porque não é trabalho de homem.

~~Comaxvixamxamxhaxndas~~ Pápi é o menino mais simpático e o mais expedito que há aqui. Comanda toda a gurizada da maloca. Volta e meia toma sustos enormes quando os guris, excitadíssimos, entram espavoridos na casa dizendo que ouviram pio de macuco ou visto pegadas de paca ou outro bicho. Então Mairán ou Txiravé pegam espingarda ou arco-e-

4- Feneira em forma de meia ~~axkxkx~~ calota, de trançado fino, usada para guardar ou coar.

flecha e saem em busca da nossa comida.

A independência e desenvoltura das crianças é realmente notável. Assim que começaram a andar, passam a cuidar de si próprias. E Kiri-pián, o menininho de três anos de Txiravé veste e come sozinho. Vi-o carregar, diversas vezes, o nenemzinho de 4 meses da rede de uma avó para a outra, atravessando a casa de ponta a ponta. Ninguém temia que pudesse deixá-lo cair.

Como as g crianças vivem em bando, aprendem empiricamente⁵ as tarefas que cabe a cada sexo. Nunca se verá uma menina brincando de arco-e-flecha, embora acompanhem o bando de garotos no pátio que rodeia a casa e nas suas "expedições" mato a dentro. Quando ficam mais taludos, como Pápi, passam a contribuir substancialmente para a economia da família, ajudando principalmente na coleta e na pesca. Não sei com que idade começam a enfrentar tarefas mais pesadas, como derrubada da mata, e o plantio e a colheita. Quando fomos à roça, Tanatú, de aproximadamente 12 anos, derrubou umas cinco árvores grossas a machadadas.

(Berta Ribeiro - "Diário do Xingu")

5- pela experiência

CAPÍTULO VE

A CONQUISTA PORTUGUESA

"Nela (na terra) até agora não podemos saber que haja ouro, nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro o vimos. Águas são muito infindas e em tal maneira é graciosa que querendo a aproveitar dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem; mas o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será ~~o~~ salvar esta gente; ~~XXX~~ e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar."

(Carta de Vaz de Caminha ao rei D.Manoel)

Este foi o cartão de visita dos primeiros conquistadores desta terra ~~o~~ ^{numa mão} dinheiro (o ouro), que não encontraram logo; e na outra, a cruz. Este conselho ^{tão piedoso} (dado por Caminha ao rei de Portugal, ~~que~~ ~~foi~~ ~~o~~ ~~início~~ ~~do~~ ~~o~~ ~~desastre~~ ~~que~~ ~~iria~~ ~~se~~ ~~estender~~ ~~até~~ ~~hoje~~).

O projeto colonial que ali começava, era bem definido: conquistar riquezas para Portugal, a fim de torná-lo uma grande nação europeia, ^{com} a bênção da Igreja que deveria justificar tudo que se seguiria depois.

Para entendermos melhor que ^o gente era ^{essa} que aqui estava chegando, precisamos conhecer um pouco ^{da} história de Portugal e do contexto europeu daquela época.

1- A Europa ^{no} século XV

Depois do grande avanço que a Europa teve no século XII e XIII, quando a lavoura e o comércio se desenvolveram muito, houve um período bem difícil, pois a terra começou a ficar pobre, produzindo pouco e aumentando o desemprego.

O ouro, moeda da época, quase não havia, porque ou era controlada pela Igreja que aumentava seus tesouros, ou estava sendo levado pelos normandos¹, que sempre invadiam os países do sul, levando o que podiam.

¹- nome dado aos povos do norte da Europa, representados hoje pelos suecos, noruegueses e dinamarqueses.

Com urgência os europeus precisavam encontrar uma saída para aumentar novamente o comércio, dar emprego ao povo e sobretudo encontrar mais ouro. A sociedade que criaram, ao contrário das sociedades índigenas, não podia viver sem dinheiro.

Com a expulsão dos árabes, que durante 700 anos ocuparam a Espanha e parte de Portugal, os cristãos daquela região achavam que a "guerra santa"² devia continuar em outros lugares. Se a Europa estava em crise, era devido às constantes invasões dos "bárbaros", isto é, dos normandos e porque os mouros (os árabes) tinham fechado o caminho terrestre para o Oriente, o lugar dos tesouros cobalçados.

Alguém precisava mudar esta situação. Segundo uma profecia, Portugal pela "humildade de sua gente" fora escolhido por Deus para ser o novo enviado de Deus, levando a salvação a todos estes pagãos. Cada português devia ser um missionário, mas um missionário com a espada na mão. Sem a força das armas, não se podia converter aqueles "cães infieis".

Foi uma época de grandes sonhos e de grandes pregações. A Europa precisava renascer, crescer de novo. A resposta estava no Oriente, não só com a cultura grega e as ~~das~~ invenções chinesas (pólvora, papel, macarrão), mas sobretudo com suas riquezas e especiarias. Era a Renascença³ que começava.

Neste momento Portugal ~~de~~ estava deixando de ser um país rural e feudal⁴ para ser mercantil e comercial. O importante não era produzir ~~na~~ lavoura, mas ganhar dinheiro com pouco esforço. Os nobres começaram a perder importância e ser substituídos pelos comerciantes que controlavam o movimento ^{econômico} das cidades ^(burgos) que iam se multiplicando. Foram estes que formaram depois a classe burguesa que ~~a~~ dominou o controle do dinheiro (bancos) e o comércio.

Como o ^s/rei^s de Portugal e Espanha estavam gastando muito com as guerras internas e com a expulsão dos mouros, precisavam agora ^{recebendo} dinheiro para desenvolver seus grandes projetos messiânicos. Foram pedir ajuda

4- Sistema político e econômico em que grupos de pessoas sem poder econômico (vassallos) deviam trabalhar ~~a~~ para um Senhor nobre, a quem deviam lealdade e submissão, em troca ~~de~~ ^{recebendo} parte da produção agrícola e total proteção.

2- guerra realizada por motivos religiosos, ~~a~~ realizada principalmente pelos muçulmanos, que obrigava ~~a~~ os vencidos a se converter ^{recebendo} pela força.

3- Período da História europeia que se caracterizou por uma volta aos valores antigos da Grécia e Roma.

aos comerciantes italianos que eram os grandes banqueiros da época e que sabiam cobrar altos juros. Com a dívida aumentando, precisavam encontrar uma saída para a crise. Precisavam encontrar ouro!

Se o caminho ^{terrestre} do Oriente estava fechado, a solução era descobrir um outro caminho ... e pelo mar!

Além do ouro, ~~em~~ outro produto era muito procurado: as especiarias, isto é, a pimenta, o cravo, o gengibre, a canela, etc. O paladar dos ricos estava ficando exigente. Com estes produtos a comida ficava mais gostosa e as carnes se conservavam melhor. A procura era tão grande que os preços não tinham mais controle: uma pequena quantidade de pimenta vinda da Índia, ^{que} valia a preço de custo ^{de} ~~5~~ ⁵ cruzados, era vendida em Portugal por 80 cruzados! Portanto 40 vezes seu valor inicial! Um "negócio da China", como até hoje se diz...

2- As navegações marítimas

Bons navegantes que ~~eram~~ eram e com um território apertado entre o ^{oceano} ~~mar~~ e a Espanha, os portugueses resolveram enfrentar o "desconhecido" "mar tenebroso". ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ A missão tinha que ser cumprida. Em menos de 30 anos descobriram as ilhas do Atlântico e montaram postos comerciais na costa ocidental da África: ilhas da Madeira (1433), cabo Bojador (1434), Rio do Ouro (1436), ilhas de Cabo Verde (1448), Gâmbia (1455) e Guiné (1462).

Foi um período de grande agitação comercial em Lisboa e nas praças comerciais européias, pois além do ouro, começavam a ser comercializados escravos ~~XXXXXX~~ africanos.

Neste entusiasmo das "descobertas", o rei de Portugal não quis ouvir os planos de um marinheiro italiano, Cristóvão Colombo, que se propunha também descobrir um novo ~~o~~ caminho para as Índias, mas pelo Ocidente. Por que se arriscar numa aventura, quando já se tinha quase seguro o caminho das riquezas? Pensando assim, o rei D. João II dispensou os trabalhos do visionário genovês que foi procurar a corte vizinha dos reis espanhóis.

Depois de muita insistência, o genovês consegue dos "Reis Católicos"

Os modestos navios, que após dois meses de viagem chega às Antilhas, pensando ter atingido Cipango (Japão). Nunca imaginara que mesmo sem descobrir um caminho para as Índias, estava mudando os rumos da História mundial.

O que aconteceu depois, foi rapidamente visto no capítulo 2 e muito mais precisará ser lido e estudado para se sentir o que foi a invasão espanhola nas Américas.

Uma outra conquista estava começando nestes lados do Atlântico, apenas com menos barulho e sem as corajosas denúncias de um Frei Bartolomeu de las Casas. Os portugueses chegaram aqui de mansinho, como bons amigos e aos poucos foram dominando toda a costa, do ~~mar~~ Amazonas ao rio da Prata.

3- As viagens ao Oriente

A chegada de Colombo nas Antilhas caiu como uma bomba na corte portuguesa. Portugal que estava liderando a corrida marítima, não podia ser passado para trás pela Espanha.

Nos últimos anos do reinado de D. João II as expedições marítimas haviam diminuído. Mas agora D. Manoel, o novo rei, precisava agir rápido. Em 1497, financia uma grande expedição, sob o comando de Vasco da Gama, com o objetivo de dobrar o cabo das Tormentas, descoberto dez anos antes por Bartolomeu Dias, e chegar finalmente às Índias pelo caminho do Oriente. E conseguiu!

A volta de Vasco da Gama foi triunfal: além da façanha marítima, chegava carregado de produtos do Oriente que muito lucro trouxe aos cofres reais.

A ofensiva continuava. Dois anos depois é preparada nova expedição, comandada por Pedro Álvares Cabral, com o objetivo de criar feitorias comerciais e consolidar a ^{presença} portuguesa nas Índias.

Pela situação de endividamento de Portugal, a expedição foi preparada com certa rapidez, pois o projeto era ambicioso. Foi a maior ^{enviada} esquadra ~~mandada~~ para o Oriente: 13 navios, 1.500 homens, dos quais 1200 soldados, além de comerciantes, funcionários, e degradados ^{7 e missionários}. Uma expedição pronta para tudo, para a guerra ou para o comércio, de acordo com

6- Postos comerciais, não exigindo a permanência de muitas pessoas, ^{local}

7- ~~P...~~

a reação dos orientais.

Com muita festa e muita esperança, parte a 9 de março de 1500, do porto de Lisboa a "famosa" esquadra que iria mudar tão tragicamente a vida de tantas nações indígenas de nosso continente.

A briga de Portugal e Espanha não ~~era~~ ^{ficou} apenas ^{nas} disputas ^{venhais} em relação às novas descobertas. Chegaram a ir ao Tribunal Internacional que naquela época era exercido pelo Papa. Foi assim que em 1493 Alexandre VI propõe uma divisão do mundo, que poderia contentar as duas partes: uma linha imaginária a 100 léguas das Ilhas Cabo Verde fazia com que a Espanha ficasse com os territórios a oeste da linha, e Portugal, com os territórios a ~~oeste~~ ^{leste}. Dividiu ~~o~~ ^o mundo com a mesma facilidade ^{com} que a gente divide um bolo...

Esta divisão prejudicou Portugal, que já sabia da existência de terras mais a oeste, e ^{exigiu} nova demarcação. No ano seguinte, na cidade espanhola de Tordesilhas, foi feito um novo acordo, passando a linha divisória a 370 léguas de Cabo Verde, isto é, na altura da ilha de São Luís do Maranhão, ^{ao} norte e na ilha de Cananéia, ^{ao} sul.

4- A chegada dos portugueses em nossa terra

Mesmo sem querer "descobrir" logo as terras a oeste de Cabo Verde, D. Manoel precisava providenciar a tomada de posse do território, pois navegantes espanhóis e franceses já estavam aparecendo por aqui.

Com esta expedição de Cabral, a ^{oportunidade} ~~ocasião~~ era excelente: tinham muitos navios para se aventurar mais a oeste, estavam com muitos soldados, em caso de ataque, ~~kkk~~ havia escrivão para registrar o ^{descobertas} ~~fato~~ e os padres estavam lá para abençoar a ~~nova~~ terra.

Assim foi feito: ^{na madrugada de} a 21 de abril, 5a. feira depois da Páscoa, após ~~mkkkkkkk~~ várias semanas fora das rotas ^{africanas} ~~tradicionais~~, começam a ver sinais de terra -- plantas boiando, pássaros acompanhando os navios e uma gostosa brisa. Somente às 17 h. foi dado o ~~ex~~ alarme "Terra à vista!" Era ^{um} ~~a~~ imponente morro, que logo recebeu o nome de Monte Pascoal. Estavam chegando no território dos Tupinikim, batizado em seguida de Terra de Santa Cruz.

No dia seguinte se aproximam mais da costa, parando na desembocadura de um rio. Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama e experimentado marinheiro, se propôs ir à terra, pois foram vistas pessoas

na praia. Eis a descrição deste primeiro encontro:

"São pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrissem as vergonhas. Traziam arcos nas mãos e suas flechas. Vinham todos rijamente em direção ao-navio. E Nicolau Coelho lhes fez sinal para que pousassem os arcos. Eles os depuseram. Mas não pode haver fala deles ou entendimento que se aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente jogamos-lhes um gorro vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um chapéu preto. E um deles lhes arremeçou um chapéu de penas de ave, compridas, vermelhas e pardas como de papagaio. E outro lhe deu um colar grande de continhas brancas, miúdas, as quais peças creio que o capitão manda a Vossa Alteza".

(carta de Vaz de Caminha ao rei de Portugal)

Devido a uma forte chuva, deixaram aquele lugar, procurando ~~uma~~ ao norte um ^{local} ~~lugar~~ mais seguro para os navios. Foi assim que sábado encontraram uma baía, que recebeu o nome de Porto Seguro, hoje chamada Cabrália.

No domingo todos desceram à terra, onde construíram um altar e celebraram a missa. No sermão, Frei Henrique falou sobre a missão dos portugueses: "tratou de nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da cruz, sob cuja obediência viemos" (Caminha).

Para marcar a posse da nova terra, foi colocada uma cruz, em nome do rei de Portugal. Mais uma vez a religião foi usada para justificar o poder de reis e governantes...

Como tinham pressa em chegar às Índias, Cabral ordena o prosseguimento da viagem, mandando de volta um navio com a notícia e a descrição da nova terra, ^{além de} com alguns produtos encontrados: pau-brasil, animais típicos e um nativo, que provocou muita curiosidade em Portugal.

A carta de Caminha mostra quatro pontos importantes: a excelente situação geográfica da nova terra, como escala para as viagens à Índia; o aproveitamento do solo para se plantar as famosas especiarias ("em se plantando tudo dá"); a conversão dos habitantes, pois sua Alteza, o Rei, precisava realizar sua missão espiritual; a possível existência de ouro, que certamente havia, pois o problema agora foi a língua "bárbara" dos nativos.

Por isto, antes de seguir viagem, Cabral deixou dois degredados para aprender a língua da terra. Parece que não ficaram tão tristes como se disse, pois além deles outros três marinheiros fugiram da expedição ficando no país. Entre um paraíso, com ^{Caminha,} ~~uma~~ mulher, ~~uma~~

~~Comentário~~ ^{literada} g uma viagem que ninguém sabia se chegava vivo, não havia muito a discutir...

Partindo para o sul, Cabral foi costeando o litoral, descobrindo uma extensão de mais de duas mil milhas (aproximadamente 3.600 km). Via logo que aquilo não era um pequeno país. O navio que voltou para Portugal fez também o mesmo levantamento das costas nordestinas e com estas duas informações viram que tinham encontrado um verdadeiro continente.

Apesar de todo o "espírito cristão" dos "descobridores" em querer dar nomes religiosos à terra, o que prevaleceu foi ^{o comércio} ~~o comércio~~. Os italianos começaram a chamá-la de "terra dos papagaios" e os franceses de "terra do Brasil", nome que a ^{de tinta} ~~madeira~~ já tinha na Europa. Triste sina: o vermelho que tingiu tanto tecido europeu, não foi apenas da tinta da madeira, mas ^{do sangue} ~~do sangue~~ de muitos nativos que começavam a ser sacrificados a este novo deus -- o mercantilismo.

Assim surgia o BRASIL.

"Quando invadiram o Brasil
O Cabral e sua esquadra,
Aqui existia um povo
Que por índio foi chamada
Da sociedade dos brancos
Não podia entender nada.

Quando os Portugueses
Chegaram em Porto Seguro
A Bahia era o Estado
Em que pisaram chão duro
E começou o sofrimento / Daquele povo escuro

Os Portugueses trouxeram
Soldados, famílias e padres
Para explorar a terra,
Colonizá-la à vontade,
Desprezando aquele povo
E suas comunidades.

Uns diziam para os outros
Que o tal de índio era bicho.
Isto se ouvia muito
Através do coxixo.
Até hoje o oprimido
Para os grandes é um lixo.

"TÃO VENDENDO O BRASIL"

(Carta de Henfil à sua mãe)

Mãe,

Naquela manhã ou tarde de 1500, quando gritaram TERRA À VISTA!, os li-
vros de História pensaram escutar navegadores, descobridores. Mas o que
os índios viram, a olho nu, foi o grito de guerra dos corretores imobili-
lários. E quem viveu morreu.

Quatro séculos depois, quem não morreu, como os Pataxó Hã-Hã-Hãe, Ba-
nã, Botocudo, Kamakã, Tupiniquim, Menian e Kariri Sapuyã, acordou gelado
feito platéia de Calígula. O mesmo grito agora em replay: TERRA À VISTA!

Apesar de estar documentada desde 1610, os índios do sul da Bahia es-
tão perdendo a posse das suas terra. Os brancos mentirosos reconheceram
firma, demarcaram ^{e agora} tomam escandalosamente a propriedade privada /
dos seus legítimos, únicos e indefesos donos. Indefesos porque estão de-
sarmados pela "proteção" da Funai. Escandaloso porque o governo, veja a
senhora, o governo da Bahia foi quem distribuiu títulos aos fazendeiros.
Aí valeu tudo para o saque, de corrupção de funcionários a queima de ran-
chos. Mas os bravos brasileiros resistiram e não abandonaram o chão, vi-
vendo como assalariados dos fazendeiros invasores.

De repente, audácia-sempre-audácia, em pleno 1982, o grito volta à
selva: TERRA À VISTA! Os índios começam a ser transferidos, às escondi-
das, da reserva Paraguaçu-Caramuru para o povoado de Castelo Novo. Fica-
ram abrigados em barracas de campanha, numa terra pobre e sem lavoura.

POP! Me permita o justo palavrão. A transferência é ilegal, todo ter-
ritório indígena é propriedade da União, com posse e usufruto garantido
aos índios. Os títulos que o governo estadual distribui aos fazendeiros
são portanto, frios!

Os índios para sobreviver não precisam de geladeiras, TVs, videocas-
setes, ioiôs, Angras e nem aspirinas. Como crianças, estão com o umbigo
ligado à terra. Arrancados da terra, simplesmente morrem, estão morrendo,
vão morrer.

A SENHORA É CÚMPLICE! Perdoe a frase de efeito. Mas quem agora sabe e
não impedir este genocídio passa a ser cúmplice. Do presidente João à mi-
nha mãe.

Mas eu repeti aí três vezes o "Terra à vista". Pois bem, se os índios
quiserem seu chão de volta, vão ter que falar suíço. Veja o que saiu na
página dos classificados do jornal La Suisse do dia 30 de julho último.
Terra à vista no Maranhão e, que coincidência, terra à vista na Bahia!

Tão vendendo o Brasil com a gente dentro, mãe!